

Prática docente na universidade: fundamentada em paradigmas conservadores ou inovadores?

Teaching practice in the university: is it founded in conservative or in innovative paradigms?

Luciana dos Santos Rosenau ^(a); Tatiana Santini Trevisan ^(b)

^(a) Mestre em Educação pela PUCPR, graduada em Pedagogia, Professora do Curso presencial de Pedagogia da FACINTER. Curitiba - PR. lsantos@facinter.br

^(b) Mestre em Educação pela PUCPR, graduada em Química, Coordenadora e Professora do Curso presencial de Química da FACEAR, Coordenadora e Professora do Curso a distância de Química da FACINTER. Curitiba - PR. tatitrevisan@terra.com.br

Resumo

Este artigo objetiva esclarecer qual é o paradigma presente na prática pedagógica do professor de ensino superior e, a partir daí, instigá-lo a uma reflexão acerca das mudanças necessárias nessa prática. Para tanto, retomase o contexto histórico do paradigma conservador tradicional, resgatando a origem da palavra paradigma em sua historicidade e visando o objetivo de ultrapassar a fragmentação do conhecimento. A atual crise paradigmática que a educação vive torna-se um forte desafio aos professores e aos sistemas educacionais para buscarem uma reflexão. No entanto, busca-se uma reflexão e reavaliação da prática pedagógica dos professores. O presente estudo faz um paralelo entre os paradigmas conservadores e inovadores, bem como aponta as características de cada um. Enfatiza-se que na sociedade atual, para a formação da autonomia e produção do conhecimento, necessitamos de mudanças que possibilitem novas implicações para a prática pedagógica. Este trabalho desdobra aspectos relevantes da sociedade, do conhecimento, e as implicações para a prática pedagógica na atualidade, bem como as características, desafios e metodologia de ensino para a aprendizagem na Educação Superior. Este artigo objetiva, ainda, criar espaço para a discussão e reflexão, atendendo aos novos paradigmas da educação e sugerindo uma prática pedagógica inovadora.

Palavras-chave: Prática docente. Paradigma. Educação Superior.

Abstract

This article aims to enlighten which is the paradigm existing in the pedagogical practice of the higher learning professor and, from then, instigate the professor to reflect about the required changes in such practice. In order to do it, the historical context of the traditional conservative paradigm will be retaken, recovering the origin of the word paradigm in its historicity and aiming to overcome the fragmentation of knowledge. The current paradigmatic crisis presented in education becomes a strong challenge to professors and educational systems for the search of a reflection. However, here a reflection and a reevaluation of the professors' pedagogical practice are sought. This study traces a parallel between conservative and innovative paradigms, as well as it highlights each one's characteristics. It is emphasized that on today's society, in order to generate the autonomy and production of knowledge, we need changes that enable new implications for the pedagogical practice. This work unfolds relevant aspects of the society and knowledge, and the implications for the pedagogical practice on present days, as well as teaching characteristics, challenges and methodology for higher learning. This article also aims to create a space for discussion and reflection, answering to new education paradigms and suggesting an innovative pedagogical practice.

Keywords: *Teaching practice. Paradigm. Higher Learning.*

Introdução

O presente artigo tem como finalidade instigar os docentes a uma reflexão sobre a docência na educação superior. Partindo-se do pressuposto de que é possível mudança na prática pedagógica do professor, analisou-se a questão dos paradigmas conservadores e contemporâneos na educação, focalizando a investigação sobre o professor universitário, resgatando seu papel e sua responsabilidade frente ao processo educativo necessário para a atualidade.

Nesse contexto, tem-se uma reflexão acerca das mudanças necessárias na prática pedagógica, retomando o contexto histórico do paradigma conservador tradicional como fonte de busca de processos educativos, levando a superação do pensamento newtoniano-cartesiano. Visa-se, também, ultrapassar a fragmentação do conhecimento em busca de uma

transformação social da realidade, resgatando a origem do termo paradigma em sua historicidade.

A crise paradigmática constitui-se positivamente do desafio para os professores e sistemas educacionais. Nesse sentido, busca-se provocar a reflexão e reavaliação sobre a prática pedagógica do docente universitário, investigando caminhos metodológicos para realizar um ensino que promova uma aprendizagem significativa em que os alunos conquistem o conhecimento, compreendam e possam participar de maneira responsável, solidária e democrática na sociedade.

Iremos, ainda, abordar o conceito de paradigma e a crise paradigmática, no sentido de instigar uma reflexão sobre o paradigma conservador e paradigma inovador e suas possíveis mudanças na prática pedagógica, no papel/perfil do educador e os desafios da prática pedagógica na educação superior.

Este estudo busca traçar um paralelo entre os paradigmas conservadores e inovadores, caracterizando, assim, a sociedade do conhecimento e suas implicações para a prática pedagógica na atualidade. Enfatiza-se que, para a formação da autonomia e produção do conhecimento, necessitamos de mudanças em todos os segmentos da sociedade.

Paradigmas da Ciência e suas relações com a prática docente

Para se iniciar uma discussão acerca de paradigmas, faz-se necessário retomar seu sentido e referendar o conceito de Thomas Kuhn, filósofo e historiador da ciência que, em sua obra **A estrutura das revoluções científicas**, tem como preocupação esclarecer o termo paradigma em seus diversos sentidos. O autor preocupa-se, justamente por ser um termo de múltiplos sentidos e por ser fonte de muitos mal-entendidos.

Segundo Kuhn, paradigma significa *a constelação de crenças, valores e técnicas partilhadas pelos membros de uma comunidade científica. É aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade consiste em homens que partilham um paradigma* (1991,

p.225). Sendo assim, para esclarecer a noção desse termo na ciência, Kuhn sugere dois sentidos distintos. Um que focaliza na teoria da matriz disciplinar, usado para se referir a uma estrutura conceitual e partilhada por uma comunidade de cientistas, proporcionando modelos de problemas e suas possíveis soluções; e outro sentido que se chamou de paradigma para exemplares. Esse é definido como um elemento que inclui, nas pessoas, compromissos com crenças sobre o mundo, com valores que podem ser amplamente compartilhados. Nesse sentido, Kuhn nos diz que: *antes que o cientista aprenda a pesquisar, a usar as teorias, ele precisa aprender uma visão de mundo específica, aprender/apreender um paradigma* (apud VASCONCELOS, 2002, p. 39). Portanto, a contribuição de Kuhn para o campo da educação constituiu um marco importante.

Desde os últimos anos do século XX, a crise de paradigmas tem se constituído em um núcleo fundamental de debates em todos os campos do conhecimento. Essa crise pode ser identificada pelas rupturas conceituais significativas (acompanhadas de outra visão de mundo), decorrentes da inadequação dos paradigmas adotados. Conforme Kuhn, as anomalias, ocorridas nos períodos da "ciência normal", seriam motivadas por problemas internos e externos.

Internamente, seria o resultado do declínio e da insatisfação com os modelos explicativos de uma teoria, da busca de novos paradigmas e, externamente, seria o resultado de transformações socioculturais de uma época ou de um determinado período histórico. Existiria crise, portanto, no momento em que conceitos e técnicas que formam um paradigma "não dão conta" da resolução de problemas desse campo de aplicação teórica e prática. Na visão de Kuhn, um paradigma ou um conjunto de paradigmas deve, sempre, ser substituído por outro, conforme for julgado inadequado e insatisfatório.

Behrens (2000) corrobora com essa reflexão, quando diz que a ruptura de um paradigma dominante decorre da existência de um conjunto de problemas que a ciência não consegue resolver. Segundo a autora, essa crise vem ocorrendo na área da educação, porque o paradigma dominante não

parece estar mais dando conta de assegurar a formação necessária de um cidadão crítico, atuante e criativo na sociedade.

A crise paradigmática, identificada por estudiosos dos mais diferentes campos do conhecimento, exige, de todos, novas formas de pensar e construir modelos alternativos capazes de dar significado aos fenômenos com os quais se depara no cotidiano escolar.

Parar e olhar para as “coisas” que estão acontecendo, avaliar a própria prática já está se tornando crucial para a sobrevivência das instituições. Nesse contexto emergem as crises da identidade, da participação e da prática pedagógica.

Na escola, o que está acontecendo é que não se chega a afastar totalmente os jovens do próprio sistema educacional, mas faz com que eles, ali, se mantenham movidos por uma espécie de hábito, pois parece que eles se acostumaram com a inércia. Os caminhos trilhados pela Instituição Educacional, por vezes, são tão tenebrosos que fazem o cerceamento da criatividade, das diferenças e da substituição do prazer pela obrigação.

Por conseqüência, muitos não descobrem a satisfação e a aventura do conhecimento. Revendo os vários papéis que a educação vem desempenhando ao longo do tempo, percebemos que

existe inadequações cada vez mais amplas, profundas e graves entre, de um lado os saberes desunidos, divididos, compartimentados e de outro, as realidades de problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transacionais, globais e planetários (MORIN, 2000, p.36).

Nos últimos anos, um tema invadiu a discussão na Educação, trata-se da renovação do sistema educacional. Reforma passou a ser a palavra de ordem, e, a partir de então, pesquisadores vêm se dedicando a buscar caminhos para adaptar a realidade escolar aos novos tempos. O momento é de redefinição do papel da educação e, é pensando nela, que se faz necessário um paralelo entre os paradigmas conservadores e os contemporâneos.

Os **paradigmas conservadores** visam à reprodução do conhecimento, à cópia e à memorização, enquanto que os paradigmas contemporâneos

buscam a produção de conhecimento e formação de um sujeito crítico e inovador. O paradigma conservador ensina a não questionar e aceitar passivamente a autoridade. Segundo Moraes (1998, p. 50)

continuamos limitando nossas crianças ao espaço reduzido de suas carteiras, imobilizadas em seus movimentos, silenciadas em suas falas, impedidas de pensar. Reduzidas em sua criatividade e em suas possibilidades de expressão, as crianças encontram-se também limitadas em sua sociabilidade, presa à sua mente racional, impossibilitadas de experimentar novos vôos e de conquistar novos espaços.

O professor, na abordagem conservadora, é o responsável pela transmissão do conhecimento e enxerga o aluno como uma tábula rasa. Em termos metodológicos, as aulas são expositivas e os alunos fazem provas com questões que envolvem a reprodução dos conteúdos, apenas, para tirar boas notas.

O pensamento newtoniano-cartesiano entende o sistema educacional e o ser humano como máquinas que reagem a estímulos externos. Uma grande parte do século XX caracterizou-se por uma sociedade de produção em massa; *alicerçada nos pressupostos do pensamento newtoniano-cartesiano a ciência contaminou a Educação com um pensamento racional, fragmentado e reducionista* (BEHRENS, 2000, p. 19). Esse paradigma agrega a forte influência da filosofia positivista surgida no século XIX, tendo como principal representante o filósofo francês Auguste Comte.

Na concepção cartesiana para se adquirir o conhecimento é necessário medir, quantificar, dividir e repetir. Como consequência, segundo Santos (1987), o conhecimento baseou-se na idéia de ordem, com caráter estável, utilitário e funcional, comprovando-se pelo método empírico-racional através de um pensamento reducionista e simplificado.

Neste sentido, o universo passa a ser ordenado com uma visão do *mundo-máquina que deu origem ao mecanicismo e à possibilidade de trabalhar o raciocínio pela indução e dedução* (BEHRENS, 2000, p. 21). Esse pensamento fragmenta-se separando o homem das emoções e de sua relação com a natureza e com o transcendente.

O processo educativo absorve essas influências e evidencia a reprodução do conhecimento, a repetição dos conteúdos e a visão mecanicista da dinâmica escolar. Isso pode ser comprovado através dos paradigmas conservadores tradicional, escolanovista e tecnicista.

No paradigma conservador, encontra-se a forte valorização de determinadas disciplinas acadêmicas, *uma vez que todos os fenômenos complexos, para serem compreendidos, necessitam serem reduzidos às suas partes constituintes* (MORAES, 1998, p. 41), a fragmentação do todo (caráter disciplinar) e a separação da razão - emoção, corpo-mente, ciência-ética - no ato de aprender.

O aluno, por sua vez, internaliza o que é repassado, sem uma reflexão e questionamento, aceitando como verdade absoluta e acabada. O professor é detentor do saber, dono da verdade e inquestionável. A metodologia empregada contempla a memorização mecânica de conteúdos, levando a um aprendizado sem significado ou sentido. A escola desempenha seu papel de forma fragmentada: as disciplinas são abordadas isoladamente, sem levar em conta o contexto. O professor apenas repassa os conteúdos, sem reflexão crítica, dificultando a transformação social do aluno. A avaliação tem somente como objetivo mensurar o aprendizado do aluno, baseando-se em pareceres e níveis sobre sua competência intelectual; nesse processo repetitivo não se leva em conta uma avaliação processual.

Não é difícil encontrar uma educação superior oferecida com uma visão baseada no paradigma conservador. Há muitas IES preocupadas em proporcionar um ensino com qualidade agregado à quantidade de conteúdos, mas que, inevitavelmente, compromete a qualidade da aprendizagem. Isso se denota nas queixas de muitos estudantes sobre o excesso de atividades solicitadas, mas que são pouco aprofundadas e aprendidas e muitas vezes não aplicáveis à realidade. Nessa situação, os estudantes logo percebem que a universidade não forma, mas sim informa.

Portanto, cabe a nós, educadores, tentar romper com os paradigmas conservadores, visando um ensino inovador que seja capaz de interessar e motivar os alunos cansados de copiar e ouvir.

No século XXI, a Sociedade do Conhecimento e o movimento de globalização caracteriza-se por ações pedagógicas assentadas em: reflita, defenda suas idéias, construa, critique, produza, projete. Nessa sociedade, o poder é o conhecimento, portanto, há a necessidade de repensar a prática pedagógica do professor com uma mudança de paradigma. O paradigma inovador da ciência se denomina como **paradigma emergente**, que segundo Behrens (2000, p. 60-61)

deve constituir uma aliança, formando uma verdadeira teia, com a visão sistêmica ou holística, com a abordagem progressista e com o ensino com pesquisa. Esta aliança se justifica e se torna necessária em função das características de cada abordagem:

- a) Visão Sistêmica ou Holística busca a superação da fragmentação do conhecimento, o resgate do ser humano em sua totalidade, considerando o homem com suas inteligências múltiplas, levando a formação de um profissional humano, ético e sensível.
- b) Abordagem Progressista tem como pressuposto central a transformação social. Instiga o diálogo e a discussão coletiva como forças propulsoras de uma aprendizagem significativa e contempla os trabalhos coletivos, as parcerias e a participação crítica e reflexiva de alunos e dos professores.
- c) Ensino com Pesquisa pode provocar a superação da reprodução, para a produção do conhecimento, com autonomia, espírito crítico e investigativo. Considera o aluno e o professor como pesquisadores e produtores de seus próprios conhecimentos.

Nesse paradigma, o enfoque é o pensamento complexo e a produção do conhecimento com autonomia. Os conteúdos não devem ser aceitos como verdades e, sim, como situações provisórias. Para Kuhn, a verdade de cada teoria funciona apenas dentro de cada paradigma, não há uma verdade absoluta, podemos falar acerca da verdade, mas apenas enquanto intraparadigmática.

A nova visão de mundo, atrelada ao desenvolvimento das comunicações e das tecnologias e, também, da necessidade de conceber a educação ao homem, desafia ao professor a oferecer processos de aprendizagem em quatro pressupostos: aprender a conhecer, aprender a pensar, aprender a conviver e aprender a ser. Surge, então, uma concepção pedagógica complexa caracterizada pelo paradigma emergente, o qual propõe

uma aliança entre a visão sistêmica ou holística, a abordagem progressista e o ensino com pesquisa (BEHRENS, 2000, p. 60), buscando a superação da reprodução do conhecimento.

A **visão sistêmica** ou **holística** busca superar a visão mecânica e fragmentada do mundo, direcionando-se a uma visão complexa e de um conjunto de suas relações.

Propõe a visão de homem pautada na razão, sensação, sentimento e intuição, buscando a integração total do ser humano com o universo, pela transcendência e corresponsabilidade de seus atos sobre o mundo.

Nessa abordagem, o professor atua dentro de uma visão interdisciplinar, estando atento e consciente perante as necessidades de seus alunos, e em sintonia com os problemas da comunidade, trabalhando com uma visão do todo e apresentando um enfoque sistêmico de sua prática pedagógica. Considera, então, a individualidade de cada educando, discutindo sentimentos e emoções, encorajando-o a participar de trabalhos educativos, tendo *um papel fundamental na superação do paradigma da fragmentação* (BEHRENS, 2000, p. 67). Uma das principais características do professor, aqui, se encontra na reflexão sobre “por que” e “para que” formar um ser humano.

O aluno é respeitado em suas diferenças individuais (inteligências múltiplas) como ser único, valioso pelo talento e vocação próprios, utilizando essa ferramenta de aprender a aprender para buscar melhor qualidade de vida para si mesmo, seus semelhantes e para o planeta. *A visão sistêmica alerta para a formação desse aluno, para que, ao acessar o conhecimento, ele seja ético, crítico e construtor de uma sociedade justa e igualitária* (BEHRENS, 2000, p. 73).

A metodologia concebe ao trabalho de parceria entre alunos e professores, por meio das práticas pedagógicas críticas, produtivas, transformadoras, tornando a aprendizagem significativa. Essa metodologia respeita o aluno enquanto pessoa, levando em consideração a formação ética e a busca de formação do cidadão.

A avaliação visa o crescimento contínuo e gradativo do educando, focalizando a produção do conhecimento, permitindo ao aluno avaliar-se a partir de critérios propostos.

Essa avaliação caracteriza-se por um processo criterioso e dinâmico que contempla a prática e a teoria, considerando os aspectos qualitativos sobre os quantitativos. *O momento se torna muito significativo e o erro pode vir a ser o pretexto para desafiar o grupo e o próprio aluno a encontrarem, em conjunto, o caminho do sucesso* (BEHRENS, 2000, p. 76). O papel da escola é superar a fragmentação, recuperando a visão de homem como um todo, vivendo de maneira plena dentro de uma sociedade.

A **abordagem progressista** tem como principal linha condutora a transformação da realidade, buscando o diálogo coletivo e a participação crítica no processo educativo.

No Brasil, essa abordagem manifesta-se seguindo três tendências: a Libertária, tendo como representante a educadora Guiomar Namó de Mello; a Crítico-social dos Conteúdos, representada por Dermeval Saviani; e a Libertadora, com o educador Paulo Freire (LIBÂNEO, 2005).

O professor busca uma prática pedagógica transformadora e estimula a formação crítica, pois é ele quem conduz o aluno ao processo. O professor é crítico, exigente e reflexivo, provocando análise de todo um contexto; posiciona -se como um mediador entre o saber elaborado e o conhecimento a ser produzido, orientando e dirigindo o processo educativo.

O aluno é visto como um sujeito ativo, criativo, crítico, tendo liberdade de expressar suas idéias e produções; e também, participante da construção do conhecimento. *Confia em si mesmo e vivencia a relação dialógica com o professor e com seus colegas* (BEHRENS, 2000, p. 82).

Nessa abordagem, a metodologia empreende processos de autonomia e liberdade, alicerçada pela contextualidade e problematização; contempla a formação do indivíduo como ser histórico a partir do princípio dialético da ação - reflexão - ação; e, também, privilegia a aquisição do saber vinculado às realidades sociais. É uma prática pedagógica crítica, reflexiva e transformadora.

Conforme Behrens (2000) a escola, estabelece um clima de troca, diálogo e de inter-relação, tendo como característica a busca de uma instituição libertadora, democrática, dialógica e crítica. A avaliação é contínua, processual e também transformadora, pois não compactua com o fracasso escolar.

O **ensino com pesquisa** busca a superação do copiar e do reproduzir nas práticas metodológicas utilizadas pelos professores. É vista, segundo Demo (1996, p. 1), *como um processo de formação da competência humana, com qualidade formal e política, encontrando no conhecimento inovador a alavanca principal da interação ética*, e, segundo o autor, tem como característica a educação emancipatória, instigando o questionamento, o processo reconstrutivo, a consciência crítica, possuindo um caráter formativo.

O professor, nesse processo, é um constante pesquisador e investigador. É o vanguardista do desenvolvimento, contribuindo para a produção de ciência e da tecnologia com criatividade, criticidade e espírito transformador. Nesse sentido, *o professor torna-se uma figura significativa quando percebe que é o orquestrador do processo educativo e que precisa propiciar um ambiente que instrumentalize o aluno para sua emancipação social* (BEHRENS, 2000, p. 92).

O aluno é co-responsável e parceiro no processo de aprendizagem. Tem capacidade de construir e reconstruir informações, aprender com seus erros, buscar respostas, vivenciar a cidadania, desafiar sua criatividade e ousadia. Em trabalhos individuais e coletivos, o aluno encontra-se atuando, argumentando, problematizando, defendendo suas conquistas na rede de conhecimento. Como consequência, seu raciocínio lógico é desenvolvido e o espírito de investigação contínua. Ele, ainda, deverá tornar-se um sujeito no processo, segundo Behrens.

Nessa abordagem, a metodologia propõe ultrapassar a reprodução, repetição e cópia por meio da pesquisa como atividade cotidiana. Nos trabalhos individuais e coletivos, utiliza-se a experiência do aluno para fortalecer o ensino e, também, para a construção do conhecimento. Provoca-

se a utilização dos meios eletrônicos de informática, bibliotecas e laboratórios em busca de informações, evidenciando o aprender a aprender. *O desafio é ultrapassar o ensino livresco e conservador que restringe as aulas expositivas com a finalidade de reprodução do conhecimento e a pesquisa copiada* (BEHRENS, 2000, p. 94).

A avaliação é feita através de um acompanhamento contínuo do aluno nos projetos e pesquisas, tendo como critério o envolvimento, a participação, a produção do conhecimento, o progresso e a qualidade do processo educativo. Seu objetivo é de ajudar ao aluno a julgar seu próprio desenvolvimento e transformação. *O caráter punitivo é ultrapassado pela discussão aberta entre o professor e os alunos num verdadeiro processo educativo* (BEHRENS, 2000, p. 102).

Para Behrens, a escola, no ensino com pesquisa, articula seus docentes e alunos para ter uma formação diferenciada que atenda as exigências com criatividade, espírito crítico e reflexivo.

As três abordagens evidenciadas constituem o paradigma emergente em educação, que busca a produção do conhecimento. Elas propõem uma prática pedagógica inovadora e que incentive o envolvimento do aluno no processo educativo; uma ação pedagógica que forme um sujeito crítico e inovador, que conheça a realidade, refletindo sobre ela, transformando-a.

Desafios da prática pedagógica na Educação Superior

Um dos desafios da Educação Superior certamente é o de buscar novos paradigmas e novas categorias. Nesse processo de mudanças, as soluções mais imediatas são construídas pelas parcerias e entre o compartilhamento dos profissionais da educação, o que não deixa de ser paradoxal que, justamente, na década da consolidação dos movimentos mais globais, em âmbito mundial, a educação seja compelida a buscar soluções mais próximas de sua realidade. Talvez, o maior e mais importante desafio está em priorizar os problemas educacionais que são passíveis de solução, para que a partir da solução das especificidades se possa gerar mudanças efetivas no todo e assim agir no

plano do que “pode ser feito” sem deixar de pensar no que “deveria ser feito”.

Com a crescente complexidade das organizações e dos processos sociais caracterizados pela diversificação e pluralidade de interesses que envolvem a dinâmica das interações, é necessário pensar a educação superior articulada a um pólo integrador que compõem a comunidade educativa.

A educação é considerada como um processo para o desenvolvimento humano integral e como instrumento gerador das transformações sociais. A educação é a base para aquisição da autonomia e a fonte de visão prospectiva, fator relevante para o processo econômico, político e social. É, ainda, o elemento de integração e conquista do sentimento e da consciência de cidadania.

Nessa concepção de educação, a finalidade é formar cidadãos capazes de analisar, compreender e intervir na realidade, visando ao bem-estar do homem nos planos pessoal e coletivo. Para tanto, torna-se importante o desenvolvimento da criatividade, do espírito crítico, da capacidade para análise e síntese, o autoconhecimento, a socialização, a autonomia e a responsabilidade. Assim, é possível a formação de um homem com aptidões e atitudes para colocar-se a serviço do bem comum, dotado de espírito solidário, de gosto pelo saber, de disposição para conhecer, de capacidade afetiva, e de visão inovadora.

A universidade, como instituição social, necessita possibilitar o crescimento humano nas relações interpessoais, bem como propiciar a apropriação do conhecimento elaborado, tendo como referência a realidade do aluno. Nesse contexto, é necessário possibilitar ao aluno a aquisição de uma consciência crítica e que lhe amplie a visão de mundo. Essa visão de mundo poderá dar-lhe condições de uma leitura interpretativa dos fatos sociais e das relações intra e interpessoais. Portanto, com uma prática pedagógica baseada nos paradigmas inovadores, que visam o ensino para a produção do conhecimento, torna-se possível sonhar com mudanças positivas, diferentes das proporcionadas pelos paradigmas conservadores, que apenas reproduzem o conhecimento.

Na sociedade do conhecimento, o poder está associado a quem estiver mais apto a competir, gerir complexidade, decodificar e interpretar informações, dar conta dos avanços tecnológicos, suprir as necessidades sociais. Essas competências remetem não só a questão da inovação, mas também da educação e formação dos professores.

O desafio, propriamente falando, será constituir uma universidade capaz de adotar a pesquisa como princípio científico e educativo. Trata-se de uma instituição a ser marcada pela excelência e produtividade, definida a partir das pretensões da sociedade em termos de desenvolvimento.

Por trás de toda prática existe uma teoria, mesmo que não tenhamos consciência dela. Nesse sentido, considera-se fundamental que os profissionais da área de educação reflitam sobre qual é a teoria adotada e busquem compará-la com as novas teorias. Pois, no paradigma emergente, o professor precisa constatar se esse novo discurso está sendo realmente compreendido e incorporado, ou se ainda precisa ser aprimorado para futuramente aplicar em sala de aula.

O questionamento sobre os atuais paradigmas permite analisar se a universidade pode melhorar, pois, enquanto instituição educativa, não deixou de ser necessária e útil.

Nesse sentido, não se deve perder de vista a busca da excelência, para tanto, precisam superar a cópia da cópia. As próprias empresas demonstraram não se interessar mais por aqueles profissionais sem autonomia e sem iniciativa para resolução de problemas. Mais do que em qualquer outro lugar, a universidade deve propiciar uma formação para a criação, para a competência, para a cidadania e não mais para a reprodução do conhecimento.

Considerações Finais

É de fundamental relevância conscientizar-se de que as universidades contribuem no processo de construção do País, formando profissionais atuantes na sociedade, não apenas como mão-de-obra qualificada, mas como

seres humanos, como cidadãos em busca do bem comum. Por isso, a universidade deve ter, como meta maior, a construção da cidadania, princípio que ultrapassa a educação profissional específica e alcança a formação da consciência ética, moral e política em suas dimensões.

Segundo Behrens, a prática pedagógica convive com os paradigmas conservadores e inovadores gerando uma crise na Educação Superior. Assim, nos deparamos com profissionais da área de educação que propõem um discurso inovador; no entanto, oferecem uma prática conservadora. Nesse momento de transição paradigmática, é difícil uma mudança e compreensão do que seria uma prática inovadora.

Mas, está aí a chance de sair do ensino da reprodução para caminhar para a produção do conhecimento. A mudança se apresenta de maneira gradativa, mas uma longa caminhada que deve ser iniciada com o primeiro passo.

Não se pode negar que a universidade é a instituição indispensável para o desenvolvimento humano sustentável do País. Eis uma razão que não justifica uma universidade que ensina apenas a reproduzir. O homem é um ser em constante mudança, logo, não é uma realidade acabada. Por esse motivo, a educação não pode achar-se no direito de reproduzir modelos e, muito menos, colocar freios às possibilidades criativas do ser humano.

Não cabe mais a universidade transmitir informações, mas produzir conhecimento, assim o professor vem deixando de ser aquele que "ensina", para ser o mediador do processo e o orientador na construção do conhecimento. Nesse processo, o estudante assume o papel central no processo educativo.

Acredita-se, portanto, que o paradigma emergente deve permear nossas ações como professores e, sobretudo, como seres humanos. O professor consciente, crítico e reflexivo deve evidenciar em sua ação educativa um processo educativo que leve a transformação da sociedade.

Referências

BEHRENS, Marilda A. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 2000.

BEHRENS, Maria Aparecida. **O Desafio da Universidade frente ao Novo Século**. Educação: caminhos e perspectivas. Curitiba: Champagnat, 1996.

BRANDÃO, Zaia *et al.* (Org.). **A Crise dos Paradigmas e a Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **Crise dos Paradigmas da Educação Superior**. Brasília: Educação 1994.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Coleção: Debates da Ciência. Perspectiva: São Paulo, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 149 p. (Coleção Educar).

MARANGON, Cristiane; LIMA, Eduardo. **Os Novos Pensadores da Educação**. Nova Escola, São Paulo, n.154, p.18-25, ag. 2002.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas: Papirus, 1998.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura de S. **Um Discurso sobre a Ciência**. Porto: Afrontamento, 1987.

VASCONCELOS, C. dos S. **Resgate do Professor como Sujeito de Transformação**. São Paulo, Loyola, 1998.

VASCONCELOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2002.